

PENSANDO NA VIDA

David R. Johnson

Eu disse a Maggie que sairia por aproximadamente uma hora para resolver algumas pendências. Quando voltei para casa, ela e as meninas vieram a meu encontro no carro e me perguntaram se eu havia escutado as notícias. Disse-lhes que não. Ela me contou que um boletim: extraordinário na televisão anunciara que dois policiais de San Jose haviam sido baleados: um morreu na hora, e o outro estava em condições críticas. O noticiário não havia dado detalhes nem citado os nomes dos policiais.

Senti a adrenalina sendo lançada por todo o meu corpo. Corri para dentro de casa e peguei o telefone. Nem conseguia me lembrar do número da central e fiquei frustrado quando deu o sinal de ocupado. Continuei tentando até conseguir completar a ligação. Identifiquei-me e perguntei o que havia acontecido.

Eles me disseram os nomes dos policiais e me deram alguns detalhes do tiroteio. Senti que minhas forças se foram: um companheiro policial e amigo tinha sido morto, e outro estava gravemente ferido. .

- Qual é seu tipo de sangue? - o oficial perguntou-me. - Eles precisam de transfusões de sangue durante a cirurgia.

Eu não tinha o tipo de sangue de que eles precisavam. Desliguei o telefone sentindo-me impotente.

Os noticiários apelavam por sangue para o oficial ferido, e, logo, filas de carros estacionados se fizeram do lado de fora do hospital. Eram cidadãos e policiais de outros distritos prontos para doar sangue. Durante toda a tarde, ouvi o rádio e a televisão em busca de novas informações. O jornal das seis descreveu a cena do tiroteio e os eventos anteriores que o provocaram.

Assisti à cobertura pela televisão do local do crime. Meu coração disparou quando a câmera focalizou uma coberta amarela sobre o cadáver do policial. Debaixo dela, podia-se ver a inconfundível faixa branca na calça do uniforme. Do outro lado, um braço estendido, imóvel no chão. Aquilo não era Hollywood, era a vida real- e a morte:

A cena mudou para a cobertura ao vivo do lado de fora do hospital onde o outro policial estava sendo operado. O repórter disse que havia acabado de receber a notícia da morte do policial durante a cirurgia.

Senti-me como se estivesse sonhando, ansioso por acordar logo e ver que aquilo não era real. Mas, em meu coração, sabia que não era um pesadelo. Dois policiais estavam mortos. Não eram os primeiros a morrer em serviço em San Jose, e eu sabia que não seriam os últimos. Porém, era a primeira vez que o departamento perdia dois policiais de uma só vez, e a maneira violenta como tudo aconteceu chocou toda a cidade.

Olhei para Maggie e para as meninas e pensei se ser policial valia o risco presente em cada momento que saía de casa e i- para o trabalho. Era justo para elas que me arriscasse todos os dias, enquanto carregava o distintivo sobre meu peito e a arma no coldre? Talvez todas as pessoas que, ao longo dos anos, me disseram que não fariam meu trabalho nem por um

milhão de dólares estivessem certas. Talvez o preço de ser um tira fosse muito alto.

Mas, se fosse assim, quem seria tira? Quem estaria lá para responder aos chamados de ajuda quando os assaltantes atacavam ou quem encontraria crianças perdidas? Quem protegeria as estradas e as ruas? Quem estaria pronto a se colocar entre o criminoso e o cidadão decente? Se não fosse eu, quem seria?

Sabia que não poderia esperar que outra pessoa se tornasse um policial se eu mesmo estava relutante - especialmente por ter certeza de que ser policial era a vontade de Deus para mim.

Estava seguro de poder descansar na sabedoria de sua vontade.

O funeral dos dois policiais aconteceu seis dias depois. Alguns meses antes, eu havia sido guarda de honra no funeral de outro policial de San Jose que morrera em serviço - em um acidente de moto - e, agora, novamente, tinha a mesma função. Ainda podia me lembrar da dor que sentira pela perda durante o primeiro funeral. E lá estava eu de novo, usando meu uniforme, na mesma Igreja.

Havia, agora, dois caixões cobertos com duas bandeiras e dois companheiros mortos nas ruas que haviam jurado defender. Dois policiais se levantaram, naquela manhã, pensando que seria somente mais um dia no cumprimento do dever: ajudando pessoas, fazendo interrogatórios e aplicando multas. Para eles, talvez fosse outro dia para rir com outros policiais durante um breve intervalo da manhã; nenhum deles pensou que seu turno de trabalho terminaria em um tiroteio e que acabariam mortos.

Enquanto seguíamos os caixões até o auditório, pensei sobre minha rotina diária, todas as manhãs, antes de ir para o serviço:

estudar a Bíblia e orar; pegar o almoço e o bilhete que minha filha escreve para mim todos os dias; despedir-me de Maggie; ir para o carro e piscar as luzes três vezes como sinal de que "eu amo vocês"; então, acenar para elas e ir embora. Raramente penso na possibilidade de não voltar para casa naquela noite...

Levou cerca de 30 minutos para que 4.500 policiais de mais de 200 delegacias de toda a Califórnia entrassem na igreja. Alguns ficaram no hall de entrada, outros, do lado de fora, e outros escutaram o sermão pelos alto-falantes.

O policial capelão fez uma pregação apropriada para os dois policiais. Um policial levantou-se e prestou um tributo a seu amigo. Quando sentou, a esposa de um dos oficiais mortos foi à frente e começou a cantar:

Se paz, a mais doce, me deres gozar.

Se dor, a mais forte sofrer.

Oh, seja o que for, tu me fazes saber, Que feliz com Jesus sempre sou.

Enquanto ouvia as palavras desse hino, um dos meus favoritos, sabia que minha alma estava bem. A dor da perda ficaria presente por longo tempo, as lembranças permaneceriam, e as perguntas sobre as tragédias continuariam sem resposta, mas Deus ainda estava no controle, para sempre e sempre.

O culto terminou, e milhares de policiais passaram pelos caixões. Muitos pararam, saudaram os companheiros e saíram para esperar do lado de fora da igreja. Sendo um dos guardas de honra, ajudei a dobrar as bandeiras que seriam dadas a nosso policial chefe, que as entregaria aos familiares. Assim que o som de uma salva de 21 tiros se dissipou, foram ouvidas cornetas. As notas ecoaram pelas montanhas como se um corneteiro distante respondesse ao tributo aos mortos. Novamente, lembrei-me do adeus ao policial morto alguns meses atrás: as Escrituras foram lidas, canções foram entoadas, homenagens foram feitas, armas foram disparadas, a bandeira dobrada foi entregue, e soaram as cornetas.

Agora, as últimas lágrimas correram dos olhos e tocaram a grama como o orvalho da manhã. Em silêncio, pensei sobre a morte. Descobri que esses pensamentos aproximavam-me de Jesus, o doador e guardião da vida.

As palavras ressoaram dentro de mim: "Sou feliz com Jesus."